

## PROCESSO DE ENFERMAGEM: desafios e estratégias para sua implementação sob a ótica de enfermeiros

## NURSING PROCESS: challenges and strategies for its implementation from the nurses' point of view

**Liliane Ribeiro Trindade<sup>1</sup>, Anali Martegani Ferreira<sup>2</sup>,  
Andressa da Silveira<sup>3</sup>, Elisiane do Nascimento da Rocha<sup>1</sup>**

### RESUMO

A utilização do Processo de Enfermagem (PE), na prática assistencial, constitui-se em importante método de organização do trabalho de enfermagem, pois permite organizar e planejar as ações de enfermagem a partir da tomada de decisão do enfermeiro. Objetivou-se conhecer os desafios enfrentados por enfermeiros para implementação do PE e possíveis estratégias para sua implementação. Trata-se de um estudo exploratório descritivo, com abordagem qualitativa, realizado em um hospital geral da fronteira oeste do RS, Brasil, no segundo semestre de 2013. A população foi composta por enfermeiros assistenciais atuantes na instituição em estudo. Os resultados deste estudo apontaram duas categorias denominadas Desafios enfrentados para a utilização do PE: no ensino e na prática profissional; e Estratégias para implementação do PE. Conclui-se que os enfermeiros compreendem o PE como um método científico e estratégico para qualificação da prática assistencial. Reconhecem que sua utilização na prática contribui para a autonomia e valorização da profissão.

**Descritores:** Processos de Enfermagem; Cuidados de Enfermagem; Enfermagem.

### ABSTRACT

The use of the Nursing Process (NP), in the assistance practice, is constituted by an important method of nursing work organization, since it allows organizing and planning the nurses' actions starting with the nurses' decision-making. The objective was to know the challenges faced by nurses in the implementation of the NP and possible strategies for its implementation. Descriptive exploratory study, with qualitative approach, performed in a general hospital of the west boarder of RS-Brazil, in the second semester of 2013. The population was composed by acting assisting nurses in the studied institution. The results of this study showed two categories denominated, Challenges faced for the use of NP: in the teaching and professional practice, and Strategies for the implementation of NP. Nurses understand the nursing process as a scientific and strategic method for the qualification of the assistance practice. Recognizing its practical use contributes to the autonomy and valorization of the profession.

**Descriptors:** Nursing Process; Nursing Care; Nursing.

<sup>1</sup> Graduada em Enfermagem pela Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA), Uruguiana, RS, Brasil.

<sup>2</sup> Doutora em Ciências pela Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), São Paulo, SP, Brasil.

<sup>3</sup> Mestre em Enfermagem pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Santa Maria, RS, Brasil.

## Introdução

O Processo de Enfermagem (PE) constitui-se em um método de trabalho utilizado por enfermeiros para guiar a prática assistencial. Este organiza-se de forma sequencial e sistemática, que contribui para auxiliar na organização e promoção de estratégias de atenção específicas para a clientela assistida, incluindo as diretrizes para o cuidado humanizado e a segurança do paciente<sup>1</sup>.

O PE organiza-se em cinco fases inter-relacionadas que direcionam o enfermeiro e o paciente para que, juntos, realizem a investigação para determinar as necessidades de cuidados, a determinação dos diagnósticos de enfermagem para problemas de saúde reais ou potenciais, a identificação dos resultados esperados, planejamento e a implementação do cuidado e a avaliação dos resultados. Assim possibilita ao enfermeiro avaliar sua prática assistencial<sup>1</sup>.

A relevância da utilização deste método, na prática assistencial, está em compreender que é necessária sua aplicação como método científico para o planejamento das ações de enfermagem, visando organizar o cuidado a partir da tomada de decisão do enfermeiro para atender as necessidades de saúde dos pacientes<sup>2</sup>.

Na prática assistencial, observa-se que o PE ainda está em implementação em muitas instituições, e apresenta desafios para consolidação em todas as suas fases. O desenvolvimento das etapas do PE tem-se defrontado com algumas dificuldades, as quais as intuições e os enfermeiros vêm procurando superar. Dentre estas destacam-se o pouco conhecimento sobre este método, resistência dos profissionais em realizá-lo e a carência de recursos humanos para seu desenvolvimento. Destaca-se ainda o ensino incipiente sobre o PE durante a graduação. Todavia sua realização é imprescindível para a organização e qualidade da assistência<sup>2</sup>.

Para tanto, há estratégias que podem ser utilizadas pelos profissionais e instituições de saúde para a implementação e consolidação deste método na prática profissional. Dentre as estratégias, destacam-se a implementação e desenvolvimento de ações em educação permanente, informatização da assistência, e apoio das instituições de ensino superior<sup>3</sup>.

Considerando o PE um instrumento para qualificar a prática assistencial, visando contribuir para sua implementação na instituição em estudo, buscou-se conhecer os desafios enfrentados e as possíveis estratégias apontadas pelos enfermeiros para sua implementação.

## Metodologia

Trata-se de estudo exploratório, descritivo, com abordagem qualitativa, desenvolvido em um hospital geral da fronteira oeste do estado do Rio Grande do Sul (RS), Brasil. A amostra foi constituída por 13 enfermeiros assistenciais; os quais desenvolviam atividades assistenciais nas unidades de internação clínica, cirúrgica, terapia intensiva adulto, terapia intensiva pediátrica e unidade de pronto atendimento; os quais participavam do Grupo de Estudos em Saúde: com foco na Sistematização da Assistência de Enfermagem (GESSAE) da instituição, e que aceitaram participar do estudo por meio da assinatura do TCLE.

A coleta de dados ocorreu no segundo semestre de 2013. Foi realizada por meio de entrevistas individuais. Utilizou-se um instrumento com roteiro semiestruturado construído pelas pesquisadoras. As entrevistas foram agendadas conforme disponibilidade de cada enfermeira participante, nos turnos da manhã, tarde ou noite, visando garantir a confiabilidade e o sigilo das informações. O tempo aproximado de cada entrevista foi de 30 minutos. As entrevistas foram gravadas e, após, transcritas na íntegra para posterior análise. Para evitar a identificação dos participantes utilizou-se a letra E adicionada de um número ordinal na ordem das entrevistas.

A análise dos dados foi realizada por meio da técnica de análise de conteúdo de Bardin<sup>4</sup>, a qual consiste em três etapas: pré-análise, exploração de material, tratamento dos resultados e interpretação. As entrevistas foram transcritas pelas pesquisadoras e o material explorado por meio de leitura flutuante. Os resultados coletados foram confrontados com a literatura revisada.

A saturação teórica dos dados ocorreu por meio de um processo contínuo de coleta e análise dos dados, até o momento em que novas informações não emergiram no estudo, havendo repetição das informações<sup>5</sup>.

A pesquisa seguiu as determinações das Normas de Pesquisa em Saúde determinadas pela Resolução nº 466/126, tendo sido aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Federal do Pampa – UNIPAMPA, com o Parecer número 490.226.

## Resultados e Discussão

Participaram do estudo 13 enfermeiros, sendo 12 do sexo feminino, com tempo de formação acadêmica entre um e 20 anos; e tempo de experiência na assistência de enfermagem, na instituição hospitalar, entre um e 19 anos.

A partir da análise dos dados emergiram duas categorias: Desafios enfrentados para a utilização do Processo de Enfermagem: no ensino e na prática profissional; e Estratégias para implementação do Processo de Enfermagem.

### Desafios enfrentados para a utilização do Processo de Enfermagem: no ensino e na prática profissional

O ensino é uma ferramenta que visa à mudança de comportamento para o exercício da cidadania, e essa mudança é viabilizada quando o profissional reconhece e valoriza o saber. Nesse sentido, é necessário compreender a educação como um instrumento que auxilia no cuidado<sup>7</sup>.

Na subcategoria *no ensino*, os enfermeiros expressaram que a falta ou o ensino incipiente do PE durante sua formação universitária contribui para as dificuldades para utilização do PE na sua prática profissional. Este tema não se apresenta transversal a todas as disciplinas de enfermagem durante a graduação. Nesse sentido destacam-se: [...] *sim, a gente até estudou, tinha que fazer sempre, mas assim, quando eu estava na graduação, sinceramente, eu não sei se foi uma falha da graduação ou coisa assim, mas a gente não saiu de lá com uma ideia total de qual a importância disso (e9); depois que a gente começou a trabalhar, daí que eu fui entender por que se fazia tanto processo, [...] depois que eu fui ver a importância do Processo (e9). [...] estudei, para te ser bem sincera, a gente estudou o Processo de Enfermagem, mas a gente não teve tanta ênfase, em como fazer e como aplicar, sabe? (e2); [...] agora que eu estou tendo oportunidade [...] de pôr em prática (e2); [...] não era muito enfatizado [...] (e6); a nossa faculdade era mais tecnicista, assim era mais aquela coisa de como é que tu faz e pronto, não é muito trabalhado o Processo de Enfermagem [...] (e5).*

Apesar de o PE estar contemplado na maioria dos currículos de graduação das escolas de enfermagem, fazer parte da lei do exercício profissional dos enfermeiros e da resolução do Conselho Federal de Enfermagem, e ser reconhecido do ponto de vista organizacional dos serviços de saúde, ainda apresenta lacunas na aplicação de todas as suas fases em algumas instituições hospitalares<sup>8-9</sup>.

Nessa perspectiva, Moura e Lima<sup>10</sup> consideram que as informações teóricas e práticas do PE, durante a graduação, não estão levando o estudante ao conhecimento real e da importância dessa metodologia assistencial para o enfermeiro, que forma-se sem uma ampla concepção de assistência de enfermagem. Portanto, observa-se a dicotomia entre a teoria ensinada aos acadêmicos e a realidade encontrada na prática dos serviços de enfermagem, criando uma discordância nas perspectivas do campo de trabalho<sup>8</sup>.

Nesse sentido, os enfermeiros destacam que o PE ainda é pouco valorizado na prática profissional, pois, durante a formação acadêmica, como estudantes de enfermagem, muitos não compreenderam ou reconheceram o PE como uma metodologia de trabalho, o que remete à próxima subcategoria descrita.

Na subcategoria *na prática profissional*, os enfermeiros expressaram que, durante o desenvolvimento do seu trabalho na prática assistencial, há dificuldades na aplicação do PE, e até a não aplicabilidade do mesmo. Observa-se em algumas circunstâncias que o PE não é desenvolvido em todas as suas etapas, devido à mecânica dos afazeres rotineiros, à demanda de trabalho, à falta de apoio institucional, à falta de profissionais, e à sobrecarga de trabalho do enfermeiro, e assim as ações de enfermagem permanecem centradas no senso comum, conforme observamos nas falas a seguir: [...] *acho que um pouco é a falta de profissionais que acaba te deixando com menos tempo para ti poder implementar o Processo (e4); [...] a gente acaba não vendo porque um pouco não dá tempo, um pouco é corrido. E quando tem tempo uns não querem fazer, ou não é uma rotina, aí o pessoal acaba deixando de lado, e aí quem acaba perdendo com isso é o paciente, não tenho a mínima dúvida disso (e9); [...] mas tem dias que não consigo, em função de longas tarefas que vão surgindo ao longo do turno de trabalho (e2); [...] porque na maioria das vezes a gente quer fazer, só que a gente não consegue, a gente não tem tempo suficiente (e1); [...] muitas vezes os profissionais por não saberem utilizar ou até mesmo pela demanda de tantos pacientes não utilizam (e11).*

Alguns fatores foram apontados como impedimentos à efetivação da implantação do Processo de Enfermagem, entre eles destacam-se a dinâmica do trabalho, valores próprios dos enfermeiros, tais como a resistência à mudança, desvalorização do PE, falta de experiência com o método e pouco conhecimento de suas etapas.

Um dos fatores identificados foi a necessidade de apoio e comprometimento da gerência, das chefias e da própria instituição. Resultados semelhantes foram apontados em outro estudo<sup>11</sup> como fator determinante à implantação do PE, o que permite estabelecer uma análise sobre a corresponsabilidade institucional, conforme se observa a seguir: [...] *se tu não tem um retorno, se tu não tem um apoio [institucional], tu não tem um respaldo [institucional], isso acaba te deixando desestimulado a fazer as coisas (e9); [...] não tem protocolo institucional do Processo de Enfermagem, mas acho que entra bem a parte do que o enfermeiro faz na unidade, o planejamento das ações, a questão de diagnosticar o cuidado, prescrever esse cuidado, prescrever o cuidado adequado. Só que, claro, pra isso, eu acredito que tem que se ter um protocolo bem estruturado pra não ser [...] pra cada um não fazer de uma forma (e8); nos meus estágios até aplicava (e12).*

Esses resultados refletem que a cultura, valores, missão, filosofia e objetivos institucionais influenciam na aplicabilidade do PE<sup>12</sup>. A gerência de enfermagem tem importante responsabilidade na organização estrutural e organizacional do serviço de enfermagem, assim contribuindo para a implementação do PE<sup>12</sup>. A aplicação do PE exige apoio das instituições de saúde, bem como a disponibilidade e empenho da gerência em conjunto com os demais membros da equipe de enfermagem.

Nesse sentido, mudanças organizacionais devem ser realizadas de formas alinhadas a um modelo de gestão capaz de efetivar competências, e valorizar a autonomia profissional para sua integração à instituição e desenvolvimento de sua prática profissional, com foco na atenção ao paciente, qualidade da assistência prestada, e não apenas centrada no fazer técnico<sup>12</sup>.

Outro aspecto relevante identificado neste estudo, foi a presença de sobrecarga de trabalho de enfermeiros e suas implicações no processo de trabalho. Os resultados apontam a presença de condições inadequadas de trabalho, possibilitando uma reflexão sobre este processo, o que é observado a seguir: [...] *a gente faz tudo que é trabalho... desde secretária, desde técnico de enfermagem, higienista, às vezes que tem que fazer uma limpeza, mas a gente faz todo trabalho, não é só técnico de enfermagem.[...] porque, no momento que eu podia estar fazendo alguma coisa que é da minha competência, eu estou lá no local fazendo algo que não necessitaria de eu estar fazendo, que poderia ser um outro profissional [...]* (e3); [...] *tudo é o enfermeiro, eu brinco sempre, o enfermeiro só falta fazer parte da manutenção, porque o resto a gente faz tudo, é desde procedimento em geral, sonda, punção, curativo, dependendo do curativo é o enfermeiro que faz. Ai até burocrático, pedido de compra, ver o que está faltando na unidade... é luz que não acende, é a torneira que não está funcionando, tudo é o enfermeiro!* (e13). [...], *dependendo de quantos setores tu está, tem certas coisas assim que infelizmente tu vai escolhendo (e3). [...] se for utilizar o Processo em cada paciente [...] ai tem que ter mais enfermeiros [...] para ser um processo bem feito, e um para administrar a parte administrativa da unidade (e12).*

A sobrecarga de trabalho repercute em riscos para o paciente, comprometendo sua segurança, e também a segurança do próprio profissional, uma vez que este durante o processo de trabalho está exposto a diversos fatores como estresse, fadiga e insatisfação profissional, fatores estes que podem estar associados<sup>13</sup>. A complexidade do processo de trabalho do enfermeiro e as exigências que incidem sobre o mesmo são consideradas elementos que determinam sobrecarga de trabalho, acúmulo de atribuições, que, somados à falta de profissionais suficientes para prestar a assistência almejada, culminam no comprometimento direto dos resultados da assistência prestada<sup>12</sup>.

Considerando que os enfermeiros constituem-se em líderes e/ou chefes de equipe, é importante o conhecimento quanto às competências específicas da sua profissão e dos demais membros da equipe de enfermagem, para assim negociar com a gestão das instituições condições adequadas de trabalho, tornando-se corresponsável pela valorização do seu trabalho.

Consoante a esse aspecto, o processo de valorização da profissão aponta para profissionais com atuação sociopolítica, que adotam uma postura crítica, com diferentes modos de pensar, opondo-se aos mecanismos simplificadores, que exerçam liderança e que gerem novas oportunidades em suas áreas de atuação, estando abertos ao desenvolvimento e aquisição constante de novas competências<sup>12,14</sup>.

A singularidade das organizações hospitalares tem sido destacada pela assistência, assim, é necessário que sejam assumidas durante o processo de trabalho novas responsabilidades e mudanças tecnológicas que provoquem qualificação no processo de trabalho de enfermagem<sup>15-16</sup>. Nesse contexto, a implementação do PE constitui-se em uma estratégia para identificação acurada das necessidades de saúde dos pacientes, implementação das intervenções, e para o alcance de resultados positivos em saúde<sup>17</sup>.



## Estratégias para implementação do Processo de Enfermagem

Esta categoria compreende as estratégias indicadas pelos enfermeiros para implementação do PE. Dentre as estratégias identificadas que contribuem para a implementação do PE nas instituições hospitalares, foram destacadas gestão de pessoas, disponibilidade de materiais, desenvolvimento de ações na ótica da educação permanente, apoio das universidades, informatização dos registros e utilização de protocolos assistenciais.

A implementação do PE, conforme apontado na Resolução COFEN nº 358/20099, ainda apresenta lacunas para a aplicação de todas as suas fases, em muitos serviços de saúde<sup>11</sup>. Esta situação constitui-se em preocupação para as instituições formadoras e para os serviços de saúde.

Nesse sentido, a aproximação e parceria de instituições de ensino superior em projetos de ensino, pesquisa e extensão com as instituições de saúde, visando à construção de conhecimentos a partir das necessidades de saúde dos pacientes e dos trabalhadores dos serviços, contribuem para desenvolvimento de competências e habilidades necessárias aos estudantes de enfermagem e profissionais para a implementação do PE em todas as suas etapas.

Os enfermeiros ocupam funções de coordenação e gerência de equipe, e esta atividade possibilita ao enfermeiro desenvolver suas atividades gerenciais como um eixo norteador para toda a equipe de enfermagem. E esse papel estratégico na prática clínica, baseado em um suporte teórico que oriente as etapas do PE, auxiliará o enfermeiro e a equipe de enfermagem a valorizar o PE como método de trabalho específico da enfermagem, que auxilia também para o desenvolvimento do raciocínio crítico, tendo como base a prática baseada em evidências. Também orienta a gestão de pessoas e adequação de profissionais de enfermagem, e recursos materiais necessários para desenvolvimento da atenção em saúde, para assegurar as diretrizes para humanização da assistência e a segurança do paciente, bem como o atendimento às necessidades dos pacientes<sup>15</sup>.

Nessa perspectiva, as instituições de saúde precisam viabilizar o adequado dimensionamento de profissionais de enfermagem e a organização de recursos materiais, para facilitar a implementação de metodologias de trabalho nos serviços.

O apoio da gestão de enfermagem e das instituições de saúde é fundamental, pois, sem este, os enfermeiros não conseguem implementar e consolidar o desenvolvimento do PE em todas as suas etapas, em seus locais de trabalho; o que pode-se observar a seguir: *[...] o hospital tem que ter seu ponto de vista sobre o que ele quer; ele quer isso ou não quer isso, no momento que ele sabe que tem que ter o Processo de Enfermagem [...]* (e9); *[...] se a instituição começasse a cobrar dos enfermeiros, ah, vamos implantar, vamos começar assim, como começar uma prescrição de enfermagem. Se comessem a orientar e cobrar da gente, também; participei algumas vezes do grupo de estudos de enfermagem e isso ajuda [...]* (e7).

A educação permanente em saúde também se constitui em uma importante estratégia para a implementação do PE, e para a transformação das práticas assistenciais, de modo que esta deve ser uma prática institucionalizada, com enfoque nos problemas de saúde dos pacientes e nas demandas de formação apontadas pelos trabalhadores, tendo como resultado a mudança nos serviços de saúde<sup>13</sup>.

A promoção e desenvolvimento de projetos pedagógicos, como capacitações, constitui-se em uma responsabilidade política das instituições. As capacitações possibilitam a problematização da realidade em que o profissional da saúde está inserido, bem como os grupos de estudos são espaços fundamentais para a produção e desenvolvimento contínuo e permanente de conhecimento pelos profissionais<sup>17</sup>.

No entanto, para o desenvolvimento de ações em educação permanente, nos serviços de saúde, todos os participantes precisam estar sensibilizados e envolvidos no processo de mudança, tanto as instâncias gestoras quanto os profissionais da saúde da instituição, conforme descrito a seguir: *[...] mas os outros profissionais também devem se conscientizar da importância do Processo de Enfermagem [...]* (e4); *Acho que isso aí tem que mudar muito, [...] o pessoal tem que dar mais importância ao Processo (e9); [...] eu acho que a gente precisa melhorar a nossa estrutura na questão enfermagem, para depois a gente começar tentar, ou fazer ou aplicar. Acho que precisaria que muitas pessoas melhorassem a forma de pensar sobre o Processo de Enfermagem, porque percebo que tem colegas que ainda não têm percepção nenhuma de como o Processo funciona, ou têm uma percepção totalmente errada [...]* (e1).

Outro aspecto relevante apontado como estratégia é o apoio das universidades para a implantação do PE nas instituições, conforme relato a seguir: *[...] os grupos, os alunos da Unipampa [...] ajudam e nos auxiliam bastante. Trazem coisas novas, estudam, pesquisam coisas que a gente não sabe, ainda [...]* (e10).

Os investimentos em pesquisas e projetos realizados em conjunto por docentes, profissionais e acadêmicos propiciam o aprimoramento do conhecimento teórico-prático, possibilitando transformações para uma postura mais flexível e favorável em relação à condução do processo de trabalho<sup>18</sup>.

O uso de sistemas de informação computadorizados foi apontado como apoio para o desenvolvimento do PE, pois possibilita melhorias para qualidade da assistência, favorecendo o desenvolvimento do pensamento crítico e reflexões entre a equipe multidisciplinar<sup>19</sup>. Verifica-se que o uso da informatização é fundamental no contexto do PE, conforme relato: *[...] mas poderia ter várias opções, por exemplo, um sistema de informática que tu só seleciona, então seria mais rápido, porque o profissional precisa de tempo pra isso (e8)*.

Outra estratégia para a implementação do PE é a elaboração de protocolos assistenciais que auxiliem na organização das ações no processo de trabalho. A implantação de protocolos assistenciais significa uma decisão estratégica de fortalecimento das práticas assistenciais. Essa iniciativa liderada pelo enfermeiro representa um esforço institucional que valoriza e impulsiona a utilização do PE pelas equipes de enfermagem<sup>20</sup>. Verifica-se, a partir dos relatos dos participantes, que eles reconheciam a necessidade de elaboração e implementação de protocolos institucionais para orientação na prática: *[...] mas acho que é bem importante, não só capacitar, mas fazer então um protocolo institucional [...] porque, a partir do momento que tu tens um protocolo pra seguir, é muito mais fácil do que cada um fazer uma coisa isolada [...]* (e8).

Os protocolos são ferramentas que contribuem para a sistematização da assistência de enfermagem, favorecendo a melhoria dos processos na busca pela excelência do cuidado<sup>2,10</sup>.

Estas e outras estratégias de apoio para a implementação do PE necessitam ser construídas coletivamente para atingir os propósitos e metas institucionais, bem como para atender as demandas da equipe de enfermagem e necessidades de saúde dos pacientes.

## Considerações Finais

Este estudo permitiu a identificação de duas categorias: Desafios enfrentados para a utilização do Processo de Enfermagem: no ensino e na prática profissional; e Estratégias para implementação do Processo de Enfermagem. Essas categorias apresentam desafios para aplicação adequada das etapas do PE na prática assistencial, e aqueles relacionados ao ensino incipiente do Processo de Enfermagem durante a graduação, uma vez que este tema não se apresenta transversal a todas as disciplinas de enfermagem.

Ademais, a dinâmica do processo de trabalho nas instituições, torna-se precário diante das demandas de trabalho dos enfermeiros, destacam-se: sobrecarga de trabalho, realização de atividades que não são de atribuição do enfermeiro; e valores dos próprios enfermeiros, que impõem resistência à mudança e desvalorização na utilização do método. Salienta-se a necessidade de uma melhor fiscalização dos órgãos responsáveis pelos profissionais de enfermagem e um maior apoio e comprometimento da gerência e da instituição.

Observa-se, ainda, que há necessidade de as instituições hospitalares adotarem métodos padronizados de assistência à saúde, visando guiar e qualificar as práticas assistenciais para garantir a implementação do PE, e a qualidade da assistência ofertada.

Frente ao exposto, sugerem-se estratégias para implantação das etapas do PE, entre as quais, implementação da Política Nacional de Educação Permanente, a fim de contribuir para o fortalecimento do ensino sobre a temática, troca de experiências entre os profissionais das instituições; e a utilização de sistemas informatizados nos serviços de saúde. Sendo que esta poderá auxiliar por meio de acesso rápido e realização de registros seguros sobre os usuários, em tempo real, possibilitando acompanhamento contínuo destes pelos membros da equipe de saúde.

Por fim, o estudo apresenta implicações para enfermagem no que tange a estratégias que podem ser utilizadas pelos profissionais e instituições de saúde para a implementação do PE, resultando na qualificação da assistência, contribuindo significativamente para a ampliação da visão dos enfermeiros quanto às atribuições da profissão.

## Referências

1. Alfaro-Lefevre R. Aplicação do processo de enfermagem uma ferramenta para o pensamento crítico. Trad. por Thorell, A. 7. Ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 2010.
2. Silva EGC, Oliveira VC, Neves GB, C, Guimarães TMRO. Conhecimento do enfermeiro sobre a Sistematização da Assistência de Enfermagem: da teoria à prática RevEscEnferm. 2011; 45(6):1380-6.
3. Sarreta FO. Educação permanente em saúde para os trabalhadores do SUS. São Paulo: UNESP; 2009.
4. Bardin L. Análise de conteúdo. Lisboa, Edições 70, 1977.
5. Lakatos EM, Marconi MA. Fundamentos da Metodologia Científica, 6.ed, São Paulo: Atlas, 2009, p. 315.
6. Brasil. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. Resolução Nº 466 do Conselho Nacional de Saúde, de 12 de dezembro de 2012. Aprova as diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. Diário Oficial da União, Brasília, 12 dez. 2012. Seção, p. 59.
7. Freire P. Educação como prática da liberdade. 30.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2007.
8. Cossa RMV, Almeida MA. Facilidades no ensino do processo de enfermagem na perspectiva de docentes e enfermeiros. Rev Rene. 2012; 13(3):494-503.
9. Brasil. Ministério da Saúde. Conselho Federal de Enfermagem. Resolução COFEN nº 358, de 15 de outubro. Dispõe sobre a Sistematização da Assistência de Enfermagem e a implementação do Processo de Enfermagem em ambientes, públicos ou privados, em que ocorre o cuidado profissional de Enfermagem, e dá outras providências. Brasília (DF); 2009.
10. Moura VA, Lima LR. Processo de enfermagem: percepção e dificuldades na formação acadêmica. Nursing (São Paulo). 2009;12(139):570- 74.
11. Luiz FF, Mello SMM, Neves ET, Ribeiro AC, Tronco CS. A sistematização da assistência de enfermagem na perspectiva da equipe de um hospital de ensino. Rev. Eletr. Enf. 2010;12(4):655-9.
12. Weston MJ. Strategies for enhancing autonomy and control over nursing practice. Online Journal of Issues in Nursing. 2010;15 (10-10).
13. Andolhe R, Padilha KG. Reflexões sobrecarga de trabalho de enfermagem e segurança do paciente em Unidades de Terapia Intensiva. Associação de Medicina Intensiva Brasileira. AMIB, 2012.
14. Menezes SRT, Priel MR, Pereira LL. Autonomia e vulnerabilidade do enfermeiro na prática da Sistematização da Assistência de Enfermagem. Rev. Esc. Enferm. 2011; 45(4):953-8.
15. Camelo SHH. Competência profissional do enfermeiro para atuar em Unidades de Terapia Intensiva: uma revisão integrativa. Rev. Latino-Am. Enfermagem. 2012; 20 (1):192-200.
16. Lunney M. Pensamento crítico para o alcance de resultados positivos em saúde: análise e estudos de caso em enfermagem. Porto Alegre: Artmed; 2011.
17. McEwen M, Wills EM. Bases teóricas para enfermagem. Porto Alegre: Artmed; 2009.p. 27-47.
18. Castilho NC, Ribeiro PC, Chirelli MQ. A implementação da sistematização da assistência de enfermagem no serviço de saúde hospitalar do Brasil. Texto Contexto Enferm, Florianópolis, 2009; 18(2): 280-9.
19. Lima AFC, Melo TO. Percepção de enfermeiros em relação à implementação da informatização da documentação clínica de enfermagem. RevEscEnferm USP. 2012; 46(1):175-83.
20. Menegon D B, Bercini R R, Brambila M I, Scola M L, Jansen M M, Tanaka R Y. Implantação do protocolo assistencial de prevenção e tratamento de úlcera de pressão no hospital de clínicas de porto alegre. Rev HCPA. 2007;27(2):61-4.

### **Liliane Ribeiro Trindade**

Endereço para correspondência – Rua: Doutor Maia, n° 2475,  
Bairro: Centro, CEP: 97501-724, Uruguaiana, RS, Brasil.  
E-mail: lilianetrindade2@gmail.com  
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/>

Anali Martegani Ferreira – [analimf@gmail.com](mailto:analimf@gmail.com)  
Andressa da Silveira – [andressadasilveira@gmail.com](mailto:andressadasilveira@gmail.com)  
Elisiane do Nascimento da Rocha – [enrocha@hcpa.edu.br](mailto:enrocha@hcpa.edu.br)

**Enviado em 05 de outubro de 2015.**  
**Aceito em 27 de fevereiro de 2016.**